



SOCIABILIDADE EM TEMPOS DE QUARENTENA: O WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Fernanda de Fátima Fernandes Pereira – fernandesfernanda2018@hotmail.com
Universidade do Grande Rio, Unigranrio, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5453-4532>

Daniele Ribeiro Fortuna – drfortuna@hotmail.com
Universidade do Grande Rio, Unigranrio, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8739-7271>

Renato da Silva – redslv333@gmail.com
Universidade do Grande Rio, Unigranrio, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2469-0160>

RESUMO: O homem é um ser social por natureza. A necessidade de se comunicar é algo inerente à sua própria existência. Mas como pode ele se comunicar com outras pessoas em tempos de quarentena e isolamento social que precisam ser seguidos em decorrência da pandemia do coronavírus? O aplicativo *WhatsApp* mostra-se como sendo um aliado virtual para suprir essa demanda, uma vez que possibilita a interação entre pessoas que não se veem pessoalmente, mas que, por algum motivo, estão ligadas socialmente. Por meio de mensagens informativas, conversacionais e até mesmo de caráter lúdico, tal aplicativo serve de instrumento para que a socialização e a sociabilidade entre as pessoas continuem acontecendo em tempos de quarentena. Neste artigo, o objetivo é mostrar exemplos reais de três grupos de pessoas e a interação neles realizada através das mensagens trocadas no *WhatsApp*, para que se observe como a sociabilidade se dá em tais circunstâncias. Usando referências de autores que já escreveram sobre a sociabilidade que ocorre em redes sociais, tais como Recuero (2004), Haroche (2011), Simmel (1983), Palacios (1996) e Santos (2014), e aplicando-se uma metodologia de pesquisa bibliográfica e também de observação estruturada, passiva e realizada em ambiente virtual, onde foram analisadas conversas trocadas entre membros dos três grupos de *WhatsApp* selecionados para este trabalho, observamos resultados que mostram que, apesar de distantes fisicamente, as pessoas continuam realizando atos de sociabilidade, que, durante o período de quarentena, só são possíveis de ocorrer devido ao uso do aplicativo *WhatsApp*.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Técnica de Observação; COVID-19; Interação Virtual.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, teve como consequência meses de isolamento social no mundo inteiro, nos anos de 2020 e 2021. Mesmo em tempos hipermodernos (LIPOVETSKY, 2004), em que os vínculos entre as pessoas têm como característica a de serem mais frágeis e efêmeros, este isolamento implicou inúmeros tipos de problemas, uma vez que o indivíduo tem a necessidade de estabelecer conexões, de se comunicar e de se relacionar, de alguma forma, com outras pessoas.

O uso pessoal da internet e o posterior surgimento das redes sociais no final do século XX e início do século XXI acarretaram mudanças significativas nas conexões entre os indivíduos. Estas se tornaram muito mais amplas e abrangentes.

Redes sociais, tais como *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, não apenas interconectam pessoas, mas constroem contextos de interação, criando ambientes de troca de informações, com os mais variados propósitos, que vão desde negociações ou até mesmo estabelecimento de laços, ainda que temporários, entre os atores que participam de tais redes.

Há na literatura científica vasto material pertinente à interação humana ocorrida em redes sociais digitais, porém, os textos encontrados falam predominantemente sobre a interação que se dá através do *Facebook*, não tendo sido encontrado nenhum texto que mencione as interações possíveis de ocorrer com o uso do aplicativo do *WhatsApp*. Como este aplicativo tem uso bastante intenso por parte das pessoas na atualidade, e, como as pessoas foram privadas de manter um contato pessoal com outras, devido ao distanciamento social sugerido em decorrência da pandemia da COVID-19, consideramos relevante pesquisar sobre a forma de sociabilidade que este aplicativo permitiu que ocorresse durante o período de observação em que desenvolvemos esta pesquisa.

Durante a pandemia, as redes sociais foram, em muitos casos, a única forma de interação para pessoas que estavam em total isolamento. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre como a sociabilidade se deu entre três grupos de pessoas que utilizam *WhatsApp*, em tempos de isolamento social decorrente da pandemia do coronavírus. Para tanto, fizemos a observação das dinâmicas interacionais verificadas nas conversas realizadas entre usuários de três grupos no aplicativo mencionado durante os meses de março a dezembro de 2020, época em que, no Rio de Janeiro, as pessoas precisaram ficar em isolamento social em decorrência da pandemia do coronavírus.

De acordo com o disposto acerca de tipos de técnicas de observação segundo critérios específicos, no site *Monografias Brasil Escola*, listado nas referências deste trabalho e consultado em 23 de julho de 2021, a técnica de observação desta pesquisa, no que se refere aos meios utilizados, apresenta uma abordagem estruturada, uma vez que as observações realizadas foram planejadas para que, de forma objetiva, se detectasse a maneira como o aplicativo *WhatsApp* se mostrava como sendo instrumento que proporcionava a interação social entre as pessoas pertencentes aos grupos pesquisados. Já no que se refere à nossa participação, temos que houve, de nossa parte, uma participação passiva, pois, durante as observações, nos posicionamos do lado de fora das conversas realizadas, e mantivemo-nos como meros espectadores com relação ao que ocorria durante as conversas. Durante tais observações, os sujeitos participantes de tais conversas não sabiam que estavam sendo observados, e, em momento algum, não interagimos com tais sujeitos. Nós apenas apreendemos as diversas situações a nós apresentadas, da forma como elas realmente ocorreram, em um ambiente interacional virtual.

Os três grupos de *WhatsApp* selecionados para realizar esta reflexão e que serão melhor apresentados em momento posterior deste artigo, têm objetivos distintos e mostram a dinâmica observada nas mensagens trocadas pelos seus membros participantes.

O primeiro grupo é aqui identificado com o nome BFF, e é formado por pessoas que já trabalharam juntas em uma mesma empresa e que mantêm laços de amizade, os quais são reforçados pelo grupo em questão. Este grupo veicula mensagens informacionais, conversacionais e também lúdicas, e as pessoas que dele participam se comunicam diariamente.

O segundo grupo, aqui identificado como CA, é formado por pessoas que trabalham em uma mesma empresa, logo, seu objetivo é meramente profissional. Nele, os participantes veiculam mensagens com avisos, solicitações e recomendações a serem seguidas na referida empresa, no âmbito de relações de trabalho, e só há troca de mensagens quando há alguma nova informação a ser passada aos colaboradores da empresa.

O terceiro grupo, identificado com MN, é um grupo formado somente por mulheres condôminas de um mesmo prédio situado em um bairro de classe média do Rio de Janeiro. Neste grupo, observam-se mensagens trocadas todos os dias, e os assuntos abordados em tais mensagens fazem referência a informações consideradas importantes e de interesse de todas as participantes, avisos, sugestões, mensagens motivacionais e também recomendações sobre atividades lúdicas que podem ser desenvolvidas em casa.

Este artigo começa com algumas reflexões e considerações acerca do conceito de sociabilidade e o aplicativo *WhatsApp*, para, em seguida, deter-se no detalhamento específico das principais características de cada um dos três grupos de *WhatsApp* observado. Por fim, o texto é concluído com uma breve reflexão sobre a necessidade que o ser humano tem em relação à sociabilidade.

2 SOCIABILIDADE NO *WHATSAPP*

De acordo com Simmel, a sociabilidade é a expressão da formação de sociedade como sendo um valor, e pode ser caracterizada “por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso” (SIMMEL, 1983, p. 168). Para o autor, a sociabilidade dispensa qualquer motivação que não seja a de estar junto das pessoas e sentir a satisfação que vem desse sentimento. Os vínculos sociais são estabelecidos com propósitos subjetivos e/ou objetivos, os quais promovem formas próprias de ação recíproca, que caracterizam a própria sociabilidade. Assim, esta integra todo um processo que permite que o indivíduo consiga conviver e interagir com outros de forma relativamente tranquila. Para tanto, criam-se redes, as quais possibilitam esse viver em comunidade. A interação tem sempre um caráter social que está relacionado ao processo comunicativo, pressupondo a existência de

algum aspecto que seja comum entre as pessoas. De acordo com Roxo (2016), tal processo de comunicação se dá por meio de atos realizados “entre um “eu” que se volta aos outros e os apreende como pessoas. Ocorre ainda a partir da percepção do outro enquanto um corpo no espaço que compartilha comigo um ambiente comunicativo comum”. (ROXO, 2016, p. 5)

Na contemporaneidade, as redes de comunicação entre as pessoas são vitais para que possa ocorrer a expressão da sociabilidade, da subjetividade e a própria organização social. Mas como se dá a sociabilidade em meio a um isolamento social, que priva as pessoas de estarem em contato direto, presencial e pessoal com outras pessoas? Como vencer e minimizar a dor de um isolamento imposto, preservando ou até mesmo criando, novos contatos e novas relações? Parece-nos que, a princípio, as atuais redes sociais de que dispomos têm desempenhado um papel importante nesse contexto social vivido durante a pandemia da COVID-19.

Segundo Santos e Cypriano (2014), a sociabilidade é uma forma social que tem como uma de suas importantes características a ludicidade. Esta é uma qualidade primordial para que a sociabilidade seja realizada, e que tem como seu objetivo o de ter como alvo um simples momento sociável. A forma lúdica de tais interações pode ser encontrada em qualidades mostradas pelos interagentes durante suas conversações *on-line* e também *off-line*, tais como amabilidade, atenção, cordialidade, sensibilidade, respeito e empatia.

Entretanto, nem sempre as redes sociais digitais tiveram como função a de promover espaço para que interações sociais e relações sociais ocorressem. A princípio, a utilização da rede era, de acordo com Santos e Cypriano (2014, p. 66), “[...] fundamentalmente instrumental, isto é, ela era usada principalmente como instrumento para atividades – por exemplo, colheita e difusão de informação, tratamento e transmissão de dados, textos, sons ou imagens, pesquisa e aprendizado –, quando não era usada como um cômodo meio de consumo”.

Atualmente, observa-se que as dinâmicas desenvolvidas no espaço interativo das redes sociais são primordialmente sociais e culturais, o que tem sido facilitado pelas formas de operação proporcionadas pelas próprias redes, assim como também pelas apropriações por parte de seus usuários, para que existam finalidades concernentes a participação, colaboração e utilização compartilhada. Dessa forma, cria-se nas redes sociais um ambiente favorável para que ocorram interações humanas, o que faz com que a possibilidade de atos de sociabilidade possa nele acontecer. Tem-se no momento um espaço que permite mais ação por parte dos seus usuários, dando às redes sociais um caráter menos utilitarista e mais colaborativo e interativo.

Achamos relevante ressaltar o fato de que, enquanto nos espaços interacionais reais, a sociedade se organiza de forma altamente verticalizada, no sentido de ter-se que respeitar hierarquias existentes entre as pessoas, nas redes sociais digitais, de acordo com Vermelho *et al* (2015), houve a criação de

relações sociais horizontalizadas, onde todos que dela participam se acham dispostos, do ponto de vista de relações humanas, pelo menos dentro do contexto da rede digital, de forma horizontal. Em uma sociedade em que a relação do indivíduo com a coletividade é caracterizada por alta competitividade e individualismo, e onde imperam relações sociais altamente frágeis, observamos, segundo Vermelho *et al*,

[...] uma contradição em termos de experiência subjetiva entre as relações nas redes sociais digitais e na vida cotidiana. Nos relacionamentos por meio das redes sociais digitais, é possível falar em compartilhamento, em coletividade de iguais; nos demais espaços, não é possível, pois na sociedade predomina a competição e o individualismo. A contradição se expressa, portanto, entre a experiência na sociedade, que é marcada por uma estrutura hierárquica, e aquela vivida nas redes sociais digitais, que é oposta à hierarquia. (VERMELHO *et al*, 2015, p. 877)

No que diz respeito ao *WhatsApp*, este aplicativo é utilizado tanto para interações entre apenas dois indivíduos como em grupos. Na maioria das vezes, esses grupos são criados por pessoas que têm algum tipo de interesse comum ou algum objetivo específico. Nesses casos, a partir do momento em que o objetivo para os quais foram criados é realizado, raramente a totalidade de seus membros se mantém no grupo. As pessoas se excluem dele ou até mesmo o deletam de seus aparelhos celulares. Tais grupos podem acabar se configurando como um espaço de sociabilidade, sem a intenção de criar vínculos entre seus participantes, ou podem ainda ter um caráter de funcionalidade, com objetivos e regras bastante claras. Por exemplo, se é criado um grupo de trabalho, não se admitem mensagens acerca de assuntos que não sejam pertinentes ao seu objetivo. Esse tipo de grupo só existe para uma determinada função.

Durante o período correspondente aos cinco primeiros meses de isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus no Brasil, a saber, março, abril, maio, junho e julho de 2020, constatamos que, nos três grupos de *WhatsApp* analisados nesta pesquisa, tal aplicativo se mostrou como sendo efetiva ferramenta de interação social entre as pessoas participantes de tais grupos, uma vez que muitas pessoas se utilizaram do mesmo para finalidades que tinham tanto um caráter informacional como também um propósito conversacional, de caráter cooperativo, para que tais pessoas pudessem fazer sociabilidade. Já nos meses subsequentes, de agosto a dezembro de 2020, quando a pandemia parecia estar mais controlada, as conversas versavam sobre assuntos mais leves, e avisos sobre peças de teatro ou festivais de filmes internacionais, assim como *lives* musicais. Estes eram os principais temas abordados em tais mensagens, criando, assim, uma esfera de sociabilidade mais lúdica.

Um ponto importante a ser ressaltado é o fato de que tal aplicativo pode ser considerado como algo maior do que uma simples ferramenta tecnológica, uma vez que apresenta para seus usuários um ambiente interacional mais privado, se comparado, por exemplo, com o *Facebook*, uma vez que as pessoas que participam dos grupos de *WhatsApp* são adicionadas ao grupo por membros que dele já participam e

somente esses membros podem ter acesso às mensagens. Com uma boa variedade de recursos que permitem, por exemplo, o compartilhamento de arquivos de texto, vídeos, fotos e videochamadas, tem-se nele um espaço bastante interativo, que cria uma ambiência favorável para a sociabilidade.

O *WhatsApp* também tem se mostrado como sendo um espaço onde ações de mobilização social têm sido recorrentes. Nos três grupos observados para se fazer este estudo, por exemplo, pudemos ver que, em vários momentos, eles serviram como divulgadores de algumas campanhas que se propuseram a realizar ações para doações de cobertores para moradores de rua, compra e distribuição de produtos de higiene e alimentos não perecíveis para serem doados a instituições de caridade, compra de caixas de bombom a serem dadas a moradores de rua no dia de Páscoa, arrecadação de roupas usadas para doação a uma comunidade de pessoas de baixa renda atendida por uma igreja do bairro, e também uma campanha para arrecadação de tampinhas de plástico de garrafas *pet* para serem doadas a uma instituição para a troca por cadeiras de rodas.

E a mobilização, muitas vezes, se inicia a partir dos diferentes formatos de mensagens que podem ser compartilhados por meio do aplicativo: vídeos, imagens, mas, principalmente mensagens de voz e texto que permitem que um diálogo, uma conversação, se estabeleça entre seus usuários. Nesse sentido, Júlio de Araújo, na Apresentação do livro *A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*, escrito por Recuero (2012), afirma:

[...] a conversação é o gênero mais básico e mais primário da interação humana, [e por isso,] é importante olharmos para ela como um gênero basilar o qual é afetado por seu contexto imediato e pelas tecnologias que sustentam, registram, e atualizam as reelaborações pelas quais passam esse gênero. (RECUERO, 2012, p. 9-10)

Com isso, a conversação, em qualquer ambiente que venha a ocorrer, consiste em um processo de organização e negociação entre seus participantes, os quais estabelecem determinados rituais culturais, que fazem parte de todo processo de interação social. De acordo com Recuero (2012), a conversação virtual apresenta um caráter de interação simbólica, na qual há, por parte de seus sujeitos, uma apropriação que é proporcionada pelas ferramentas de mediação por computadores. Tais conversações podem se dar de forma síncrona, ou não, e de forma geral, assumem um contorno oralizado, inserido em contextos que são criados para que haja o estabelecimento de relações sociais. As conversações criadas em tais ambientes pretendem ser semelhantes às formas ditas “naturais” de conversação, onde se podem verificar elementos não somente verbais, mas também que mostrem entonação, pontuação e até mesmo silêncios possíveis de acontecer em qualquer tipo de conversação. Para que isso ocorra, as ferramentas criam espaços onde determinados marcadores conversacionais e marcas verbais são desenvolvidas para

fazer com que tais conversações adquiram características que se assemelhem às conversações não mediadas por computadores.

A conversação mediada pelo computador tem uma linguagem que é digitada e que precisa ser rápida e informal. O texto escrito, por si só, não dá conta de abarcar essas características da linguagem oral, porque tem enfoque na linguagem textual, e por isso, faz uso de recursos criados pelas redes sociais, para lhe dar mais originalidade, tais como os *emoticons*, os léxicos especiais criados para expressar determinadas situações, ou até mesmo acrônimos.

Nas conversas síncronas, aquelas em que esperamos um retorno imediato de resposta, há apropriações feitas pelos interagentes que seguem uma determinada organização conversacional, com o estabelecimento de turnos, o uso de marcadores conversacionais, tais como onomatopeias (que simulam sons da linguagem oral), *emoticons* (elementos gráficos utilizados para simular expressões faciais, utilizados como um complemento à conversação e que podem indicar humor, ironia e sarcasmo), oralização (onde as palavras são escritas, muitas vezes, pelo modo como soam e não pela forma da língua-padrão), pontuação (reticências para indicar silêncios, devaneios ou indagações) e também abreviações (como forma de agilizar a escrita, como por exemplo, vc (= você), blz (= beleza) etc.).

Acreditamos que a escrita oralizada usada nas redes sociais, tais como o *WhatsApp*, denota uma certa tentativa de aproximar o tipo de linguagem que se adota ao falar ao ato de escrever, em mensagens digitadas nos espaços digitais das modernas redes sociais. É realmente uma “conversa” que se trava entre as pessoas, que parece querer ficar o mais próximo possível do modo de falar.

De acordo com Othero (2002, p. 23), “[...] uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet.” As mensagens são veiculadas de forma muito rápida, o que fez com que o tempo da comunicação fosse reordenado, a troca de mensagens entre as pessoas é feita de forma simultânea, daí a característica de se escrever da forma mais rápida possível. A impressão que temos é que as pessoas estão falando por meio da escrita.

Segundo Recuero (2004), existem limitações nas conversas mediadas no ambiente on-line, o que traz algumas dificuldades para uma mais efetiva comunicação, uma vez que, em um ambiente onde as pessoas não estão se vendo, é difícil entender “pistas” não-verbais que são observadas e passadas entre os interlocutores, quando conversam pessoalmente. Para suprir essa dificuldade da conversação on-line são criados elementos paralinguísticos, como emoticons, para representar expressões faciais, emoções, entonação de voz, assim como também são utilizadas onomatopeias e abreviaturas, que imitariam o som de uma gargalhada, por exemplo, e hoje tem-se um número enorme de pequenos desenhos de feições de rosto humano que mostram as possíveis reações que podemos mostrar com nossa linguagem facial, que

são os *emoticons*, também chamados de *emoji*, assim como também diversas figurinhas usadas para expressar reações que aconteceriam em um contexto presencial interpessoal.

Observamos que o uso de *emoticons* e outras figurinhas usadas para expressar emoções foi bastante utilizado na maioria das mensagens observadas nos três grupos de *WhatsApp* estudados, fossem elas usadas para falar sobre notícias ruins ou para anunciar alguma novidade sobre evento a ocorrer na Internet, por exemplo. A figurinha expressa de forma instantânea a emoção que se quer transmitir, e isso é relevante nas conversas realizadas *on-line*.

Cabe ressaltar que, embora o *WhatsApp* permita a gravação de vídeos e áudios, tal recurso nem sempre é utilizado nos grupos, principalmente quando não há uma intimidade entre seus membros. Por isso, os recursos adotados para aproximar a linguagem escrita à falada são tão importantes.

Segundo Recuero (2009), dependendo do tipo de apropriação que as pessoas que utilizam redes sociais adotam nas mensagens nelas compartilhadas, podem elas assumir finalidades que tenham caráter informacional, quando se utilizam de tais redes para fazer comunicados, esclarecimentos, por exemplo, ou também podem apresentar um caráter de promover simples conversações sobre assuntos diversos dentro da rede. No caso do aplicativo do *WhatsApp*, observamos que, dependendo do momento, tal espaço de interação pode assumir qualquer uma das duas finalidades.

Quando tem finalidade informacional, as possíveis vantagens experimentadas pelos seus usuários compreendem o conhecimento detido por algum de seus integrantes e que é compartilhado, o que lhe dá popularidade, visibilidade e reputação dentro do grupo.

Já quando se apresenta o caráter conversacional nas mensagens trocadas entre os participantes do grupo, Recuero (2009) nos ensina que valores como suporte social em determinadas situações que demandam certo apoio a algum ou alguns dos membros do grupo, assim como também a criação de possíveis laços sociais, que se dão por empatia dos membros do grupo, a promoção de visibilidade e de reputação também são conseguidas através dessa apropriação conversacional.

De fato, os laços sociais criados, muitas vezes, acabam implicando um sentimento de pertencimento ao grupo e à comunidade representada por ele. Cabe ressaltar, entretanto, que tal sentimento é bastante flexível, uma vez que as pessoas que participam de um grupo de *WhatsApp* não têm nenhuma obrigação de nele permanecerem, caso não mais o desejem fazer. Assim, no caso das comunidades virtuais, como é o caso do *WhatsApp*, esse pertencimento, de acordo com Palacios (1996, p. 7), “[...] é sempre plenamente eletivo: o indivíduo só pertence se, quando e por quanto tempo estiver, efetivamente, interessado em fazê-lo. Para pertencer, ele deve tomar uma decisão e agir positivamente no sentido de implementá-la, solicitando informações sobre o grupo”.

Caso uma pessoa decida unir-se ao grupo, aceita a inclusão de seu contato. Da mesma forma, caso não ache que tal grupo não lhe acrescenta em nada, ou que não lhe apresenta um objetivo condizente com seu propósito, pode retirar-se dele, a qualquer tempo e sem a necessidade de qualquer explicação.

3 OS GRUPOS BFF, CA E MN: SOCIABILIDADE E PRIVACIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Diante da situação atual que se apresenta nas redes sociais, notadamente no *WhatsApp*, observado com mais atenção neste estudo, parece-nos que o tipo de sociabilidade por meio dele realizada faz com que tenhamos que fazer uma redefinição acerca de fronteiras que há tempos tínhamos com relação ao que era pertencente ao âmbito do público, do privado e da própria experiência que se possa observar em relação à individualidade das pessoas.

A sociedade em que vivemos neste início do século XXI tem mostrado uma realidade em que o acesso às redes sociais vem aumentando de forma surpreendente e, segundo Quadros e Marcon (2014), é necessário refletirmos sobre como os usuários dessas redes têm, de forma paradoxal, a necessidade de se manterem conectados a todo instante, estabelecendo muitas novas relações, e, ao mesmo tempo, são marcados pelo individualismo, pela privacidade, pela espetacularização e pela fragilização das relações sociais. Essas pessoas têm apresentado uma necessidade de se fazerem mostrar a todos, como se fossem parte de um espetáculo a ser consumido por outras pessoas, o que nos faz lembrar da obra de Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo*, publicada pela primeira vez em 1967. Quanto mais essas pessoas se expõem ao público, maior é o sentimento por elas nutrido de serem pessoas importantes e famosas. A privacidade está cada vez mais entrando na esfera pública, estimulada pelas redes sociais. Segundo Quadros e Marcon (2014),

[...] Essa situação é cada vez mais potencializada pelas mídias sociais digitais, nas quais os sujeitos parecem não fazer mais questão de manter sigilo sobre sua vida particular, não discernindo mais o que é público e o que é privado, e expondo sua vida pessoal e intimidade à qualquer pessoa conectada à sua rede. (QUADRO e MARCON, 2014, p. 71)

Manter sigilo sobre sua vida e seus atos parece ser algo de extrema dificuldade na “sociedade de espetáculo”, em que vivemos na atualidade. Para Bauman (2001), essa crise atual da privacidade é decorrente do enfraquecimento das relações inter-humanas, onde os laços sociais não são mantidos por muito tempo, uma vez que as relações não são mais estáveis e sólidas, mas se dispersam muito facilmente com o tempo. Há uma facilidade exagerada em conectar-se e desconectar-se das pessoas nas redes sociais, e isso torna as relações superficiais, enfraquecendo os limites entre o público e o privado. De acordo com

Quadro e Marcon (2014, p. 71-72)), isso ocorre devido à “enxurrada de manifestações privadas na esfera pública.” Os espaços digitais permitem que qualquer pessoa se manifeste, uma vez que

[...] os polos de emissão de mensagens estão abertos, permitindo a auto-revelação, mesmo que isso custe uma superexposição de sua vida privada [...] o que importa para muitos não é mais o segredo e o sigilo, e sim o espetáculo, a fama – mesmo que momentânea –, além da publicização de suas ideias, concepções e da sua imagem, para não dizer de si mesmo (QUADROS; MARCON, 2014, p. 72).

O espaço relacional criado nas atuais redes sociais nos faz repensar sobre como os limites entre o que é público e privado estão se tornando cada vez mais tênues. Compartilha-se nesse espaço todo tipo de informação que possa ser considerado como algo mais reservado, particular, mas que pode ser visto por pessoas que talvez nem precisassem saber sobre o que está sendo postado.

Esse compartilhamento de fatos ou situações mais pessoais, e às vezes até mesmo mais íntimas, se dá de forma indiscriminada, muitas vezes “invadindo” um espaço que deveria ser reservado à intimidade da pessoa. Essa “invasão de privacidade” pode se dar através de um texto escrito, de uma fotografia, de um vídeo, de alguma mensagem gravada, de uma videochamada, enfim, há diversas maneiras de fazer com que outras pessoas compartilhem conosco alguma coisa que, por um motivo mais particular, são reveladas a todas as pessoas que participam da rede social da qual somos integrantes.

Nas mensagens trocadas entre os membros dos três grupos pesquisados podemos constatar claramente, em cada um deles, essa necessidade de algumas pessoas mostrarem para os outros algo que, de forma geral, não haveria nenhuma necessidade de ser mostrado, mas que, sendo compartilhado, denotam algo que as faz sentirem orgulhosas de si mesmas.

Por exemplo, no grupo de amigos BFF, em vários momentos, foram compartilhadas por alguns de seus membros, fotos de passeios ao exterior que haviam sido feitos no passado, mostrando assim que tais pessoas têm, ou já tiveram, a possibilidade de viajarem para o exterior e de se hospedarem em um hotel de luxo, algo totalmente desnecessário de ser tornado público, e que denota certo sentimento de superioridade em relação aos outros que não tinham ainda tido a mesma sorte de fazê-lo.

Já no grupo de trabalho CA, houve momentos em que tarefas eram requisitadas para que todos fizessem, e, algumas pessoas sempre diziam publicamente que já as tinham realizado, principalmente se tal tarefa tivesse sido executada em tempo curto. Tal reação dava-nos a ideia de que tais pessoas eram extremamente eficientes em relação às outras do grupo, e que ainda não haviam terminado de executar tais tarefas.

No grupo de vizinhas, o MN, era comum receber mensagens mostrando fotos de algo que alguns de seus membros estavam comendo, ou de um bolo confeitado feito para celebrar o aniversário de alguém

da casa, ou ainda fotos de alguém que estava distribuindo comida para moradores em situação de rua, ato que achamos ser desnecessário de ser divulgado em público.

Enfim, tais exemplos nos mostram constatações de situações reais que ratificam aquilo que Bauman, Debord, Quadros e Marcon escreveram sobre a linha tênue que separa o público do privado nas relações existentes nas redes sociais digitais, como é o caso do *WhatsApp*.

No *Facebook* há ainda uma exposição maior em relação ao que ocorre no espaço do *WhatsApp*, uma vez que este dá acesso a somente pessoas que conhecemos ou que têm algum ponto em comum conosco, enquanto aquele divulga fatos de uma forma mais generalizada, tendo como “plateia” um número maior de pessoas.

Parece que as pessoas que se expõem nessas redes sociais têm a necessidade de serem vistas, como se fossem parte de um espetáculo feito para entreter outras pessoas. Tem-se a impressão de que não há mais limites para comunicar-se, e então fica clara a porosidade das superfícies que demarcam o que é público e o que é privado, deixando transparecer a ideia de que há uma sobreposição, ou até mesmo uma interposição, da esfera pública sobre a privada dentro do espaço interacional construído pelas redes sociais.

Um outro ponto importante que tem sido observado com a utilização do *WhatsApp*, e que, a nosso ver, também atenta contra o direito de privacidade, ou seja, é um tipo de invasão do público ao privado, é o fato de que a maioria das pessoas parece estar perdendo a noção de tempo, principalmente quando o grupo do referido aplicativo se refere a trabalho. Muitas informações são passadas para seus usuários em horários e dias que não condizem com as obrigações trabalhistas. Recebe-se mensagem em final de semana ou em horários após as 22h, por exemplo. É necessário respeitar horários de descanso, o que também, de certa forma, é algo que invade a esfera privada da vida das pessoas. Receber mensagens de trabalho via *WhatsApp* em um sábado às 18h não parece ser algo produtivo e tampouco aceitável. É um dia de final de semana, quando as pessoas têm direito de descansar e de desfrutar de momentos com suas famílias ou amigos. Um interesse alheio à privacidade das pessoas está ameaçando, de certa forma, a paz e o direito a descanso que todos têm.

As postagens feitas nos três grupos pesquisados nos mostram que contextos de amizade, trabalho e vizinhança muitas vezes fazem-se confundir nas esferas pública e privada.

Por questões éticas, usaremos acrônimos para nos referirmos a esses grupos a fim de que nenhuma pessoa possa ser identificada e exposta em público de forma desnecessária.

O primeiro grupo de *WhatsApp* chama-se BFF. É formado por 23 amigos que trabalharam juntos em uma determinada empresa e que, até o início do período em que a pandemia do coronavírus teve início declarado no Rio de Janeiro, se encontravam regularmente para fazerem reuniões sociais com o intuito de festejar aniversários, formaturas ou para simplesmente terem a oportunidade de se encontrar.

Dessas 23 pessoas, cinco são do sexo masculino. Todos os integrantes desse grupo são professores e estão na faixa etária entre 40 e 70 anos.

Sendo composto por pessoas amigas que se conhecem de longa data, é comum que elas tenham o hábito de utilizarem o *WhatsApp* para conversas de assuntos diversos: alguém que esteja fazendo um curso que está sendo oferecido em alguma universidade, o compartilhamento de fotos antigas dos tempos de trabalho, notícias sobre alguém que ficou doente e, por essa razão, pedem que todos façam orações por essa pessoa, convites para confraternizações, falar de filhos que estão estudando em um outro país, enfim, o tom de conversas é basicamente o de falar sobre fatos que ocorrem no cotidiano dessas pessoas. Assuntos que podem causar divergência entre pessoas, tais como convicções religiosas, política ou futebol não são mencionados no grupo. O objetivo dele é realmente servir de meio de sociabilidade, onde a civilidade, o respeito e a amabilidade são, de fato, praticadas.

No entanto, assim que a pandemia começou a ter casos no Rio de Janeiro, uma das pessoas do grupo foi infectada, e ficou internada por quinze dias em um hospital. A partir de então, as postagens feitas no grupo se referiam a notícias sobre a saúde dessa pessoa e também começaram a ser compartilhadas informações sobre cuidados e medidas de precaução contra o vírus COVID-19. Diariamente eram compartilhados vídeos de médicos e autoridades sanitárias que falavam sobre o assunto. As conversas postadas passaram a ter um cunho muito mais informativo.

No início do mês de abril uma outra pessoa perdeu a sogra e o irmão em decorrência do coronavírus. A dor expressa pelas palavras das pessoas diretamente atingidas era sentida por todas as outras, em um misto de solidariedade e tristeza. As mensagens de condolências e as notícias da recuperação da pessoa que havia sido infectada se misturavam. Foi possível sentir a tristeza e a preocupação que todos estavam sentindo nas mensagens postadas, uma vez que elas deixavam transparecer toda comoção que era sentida por todas aquelas pessoas. Depois de mais um mês, mais duas pessoas conhecidas do grupo haviam falecido e a consternação parece que havia tomado conta de todos os integrantes do grupo. O tom alegre das conversas de antes de toda essa pandemia começar desapareceu, e as poucas postagens que se seguiram nos meses de junho e julho ainda não tinham recuperado o espírito de alegria tão característico do grupo.

O segundo grupo tem o nome de CA. Trata-se de um grupo de trabalho criado pela direção de uma escola privada cujo objetivo é prestar informações sobre as maneiras de utilizar as novas ferramentas *on-line* usadas para que as aulas continuem a ser ministradas em tempo de isolamento social. Este grupo é formado por 16 professores (dois do sexo masculino e 14 do sexo feminino), seis secretários (quatro mulheres e dois homens), três funcionários de manutenção (duas mulheres e um homem), uma pessoa do sexo masculino responsável pela segurança do estabelecimento e a equipe de coordenação e direção, composta por três pessoas do sexo feminino.

O propósito deste segundo grupo é totalmente diferente do que pudemos observar no grupo anteriormente mencionado. Aqui, as mensagens compartilhadas têm caráter meramente informativo e se referem única e exclusivamente a informações de contexto profissional. Postagens com procedimentos que precisam ser seguidos, avisos sobre reuniões e treinamentos virtuais na plataforma *Zoom*, relatórios com dados sobre dúvidas frequentes de responsáveis e alunos, enfim, somente assuntos relacionados ao trabalho, que se tornava cada vez mais desafiador, uma vez que alta tecnologia já é usada normalmente nas atividades laborais da empresa.

Como a cada dia os conteúdos tecnológicos iam sendo adaptados às novas realidades, passou a ser comum, principalmente nos dois primeiros meses de pandemia, o recebimento de mensagens a todo instante, em qualquer dia da semana e em quaisquer horários, o que chegava a causar uma certa ansiedade por parte de todos. A cada adaptação realizada, todos recebiam comunicados, uma vez que todos precisavam estar cientes sobre os novos procedimentos que precisavam ser seguidos para não comprometer a qualidade dos serviços prestados ao corpo discente.

Os meses de março, abril e maio de 2020 foram de muito trabalho, e o *Whats.App* foi a principal via de comunicação entre todos os integrantes do grupo. Sem ele, com certeza, não seria possível fazer tudo o que foi feito. Tal aplicativo serviu como ferramenta importante que permitiu que a comunicação com todos os seus funcionários, assim como também com os seus clientes, se desse de maneira bastante eficaz.

O terceiro grupo é denominado MN e tem como integrantes grande parte das moradoras de um condomínio de apartamentos situados na zona norte do Rio de Janeiro. Composto por 32 mulheres, cujas idades variam de 35 a 80 anos, é um grupo no qual as usuárias compartilhavam postagens que tinham como objetivo prestar informações importantes à sua comunidade, assim como também postar mensagens conversacionais, as quais versavam sobre variados tipos de assuntos.

Este grupo tem como característica principal ser do tipo conversacional, mas também informações sobre os mais diversos tipos de assunto são aí veiculadas. As mensagens nele trocadas fazem referência a avisos de condomínio, sugestões de condôminas a respeito de ações a serem adotadas pela síndica do referido prédio, a conselhos dados por algumas moradoras (há duas médicas e uma psicóloga em tal grupo), a troca de receitas, a recomendações de serviços oferecidos no bairro, a indicação de alguma *live* que se ache interessante, a comentários feitos sobre alguma matéria veiculada na imprensa, e até mesmo algumas mensagens religiosas.

As pessoas pertencentes a este grupo não mostram nenhum grau de intimidade, mas sempre que preciso, se mostram solidárias e bastante colaborativas. No início da pandemia, três moradoras se ofereceram para sair e fazer compras em supermercados e farmácias para aqueles moradores que são

mais idosos e que precisavam, de fato, ficar isolados. Bilhetes foram colocados nos elevadores oferecendo esse tipo de ajuda, e alguns moradores realmente solicitaram esse tipo de ajuda.

As mensagens referentes às campanhas de arrecadação de alimentos, roupas usadas, cobertores e itens de higiene sempre tiveram boa resposta, o que mostra que a sociabilidade é algo bastante presente nesse grupo.

É interessante observar que a cordialidade, a simpatia e a amabilidade foram constantes nas mensagens nele trocadas. Assuntos polêmicos, tais como política, futebol ou religião são evitados. Em termos das poucas mensagens religiosas compartilhadas observa-se que todas as moradoras que são membros do grupo as recebem sem nenhuma observação indelicada, independente da religião que sigam. Vê-se respeito e, quando compartilhada a notícia de algum evento menos agradável, a resposta sempre mostra empatia por parte de todas.

A princípio, nos dois primeiros meses do período de isolamento social, as mensagens mostravam extrema preocupação por parte de todas. Muitas recomendações e sugestões eram compartilhadas muitas vezes ao dia. Com o passar do tempo, a partir de junho, as mensagens traziam um ar de mais leveza. Compartilhavam-se sugestões de shows, peças de teatro e filmes que estavam sendo veiculados em outros tipos de mídia. O tipo de mensagens compartilhadas sugere um pouco mais de alívio em relação à situação da pandemia. No mês de julho, último mês por nós observado para este estudo, as mensagens tornaram-se mais esparsas e mostravam conteúdos meramente conversacionais, sobre amenidades e mensagens de autoajuda.

Nos três grupos de *WhatsApp* que foram observados para a realização desta pesquisa, pudemos observar que as mulheres têm muito mais participação em fazer comunicações e terem mais participações em tais redes sociais do que os homens, o que ratifica a afirmação de Martinez (2019, p.9) quando esta diz que as mulheres são “mais propensas” ao uso das redes sociais do que os homens. Ainda de acordo com Martinez (2019), tal fato pode ser um resultado de uma cultura digital que começou nos anos 90, quando as mulheres começaram a se utilizar das tecnologias digitais para pulverizar e popularizar com mais rapidez as ideias de movimentos feministas, por meio de uma nova epistemologia feminista que se chama ciberfeminismo. Tal movimento foi extremamente importante, pois levantou a questão a respeito da prevalência masculina nas profissões de Informática até então. Para Martinez (2019, p. 7), o movimento ciberfeminista foi “[...] um movimento estético e político orientado pela popularização das tecnologias digitais que renovou o debate feminista, questionando as desigualdades de gênero através das relações das mulheres com a ciência., a tecnologia e a cultura eletrônica”.

O que se pôde ver desde então foi o fato de que as mulheres, de uma forma bem abrangente, se apropriaram das redes sociais e as têm como um espaço comunicacional e de sociabilidade. É constatado que as mulheres se utilizam muito mais de redes sociais do que os homens. Roxo (2016) também ratifica

essa informação quando menciona um estudo realizado pela empresa de telecomunicações inglesa BT, o qual identificou que mais da metade das mulheres entrevistadas utilizavam sites de redes sociais e somente 34% dos homens assim o faziam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todo o individualismo característico do homem da contemporaneidade, como ser social que é, sente ele a necessidade de fazer contato e de se relacionar socialmente com outras pessoas. O contato pessoal, as conversações realizadas em seu cotidiano nos diversos espaços em que transita, com contextos diferentes, ou até mesmo um contato feito através de redes sociais digitais são atos que todo homem precisa realizar para se sentir em comunhão com as pessoas e o meio onde vive.

Mesmo em tempos adversos, quando se vê obrigado a se afastar presencialmente das pessoas que o cercam, esse homem precisa se comunicar com outras pessoas, e para tal, as modernas redes sociais, notadamente o *WhatsApp*, têm sido verdadeiros espaços interacionais que passaram a fazer parte, cada vez mais, da vida das pessoas, fazendo com que elas, apesar de isoladas, não se sintam sozinhas.

Tempos em que se experimentam dificuldades têm a capacidade de fazer com que as pessoas usem a criatividade e se reinventem. Os quatro primeiros meses de isolamento social decorrente da pandemia de coronavírus mostram como isso é realmente verdadeiro. O *WhatsApp* nunca havia sido tão utilizado como o foi nesse tempo. Mensagens sobre variados assuntos e de diferentes funções recebidas a todo instante mostram a força que esse espaço interacional possui. Ferramenta que, a princípio, parecia ser somente mais uma forma de falar com outras pessoas, mostrou um lado mais cooperativo, mais solidário e mais propício para a maioria das pessoas que dele se utilizam mostrarem atos de empatia.

O indivíduo da contemporaneidade continua com aquele senso de individualismo próprio destes tempos de hipermodernidade, mas em meio a todo esse caos em que vivemos, foi-nos mostrado que a maioria das pessoas ainda tem sentimentos para com as outras, mesmo que sejam somente sensações que passem com o tempo. As pessoas podem até não querer se envolver com outras pessoas, mas na necessidade, um ajuda o outro, mesmo que à distância. Por meio de uma mensagem de apoio psicológico, de uma música, de uma foto que lembre alguma memória, alguma receita de bolo ou até mesmo de uma piada, pode-se levar um pouco de carinho, de amabilidade e esperança através desse espaço digital tão em uso na atualidade.

Não se sabe por quanto tempo o *WhatsApp* ainda vai estar por aqui. Afinal, vivemos em um mundo onde as coisas são passageiras, transitórias, próprias do mundo líquido e flexível em que se vive, onde as coisas e as relações são fluidas, não fixam o espaço e nem prendem o tempo, de acordo com o que nos ensina Bauman, em sua obra *Modernidade Líquida* (2001). A tecnologia evolui tão depressa e é

bem capaz de, em breve, surgir alguma alternativa que faça com que as pessoas possam se relacionar socialmente de maneira mais eficaz e eficiente, com mais recursos que possam vir a satisfazer as necessidades de nos comunicarmos uns com os outros. Por enquanto, o *WhatsApp* já se mostrou como sendo bastante útil, funcional e que tem propósitos e oferece recursos que a ele imprimem um caráter mais socializante.

Tal aplicativo mostra-se, a princípio, como uma alternativa de que se lança mão para realizar atos de sociabilidade entre pessoas, principalmente em tempos de isolamento social, como o que é, ou pelo menos deveria ser seguido em tempos de pandemia do coronavírus. Diz-se a princípio, já que, em um primeiro momento, esse espaço de comunicação proporcionado por tal aplicativo desempenhou um papel importante, pois fez reduzir a distância entre as pessoas que precisavam ficar isoladas em suas casas. Durante o período em que fizemos as observações a fim de realizarmos este trabalho, os usuários de tal rede usaram, e usam, até o momento, esse aplicativo para compartilhar informações, dar opiniões, conversar com as pessoas de modo virtual, e até mesmo terem algum tipo de entretenimento. O que era um mero instrumento passou a ser visto como um meio relacional.

No entanto, após quatro meses de isolamento social, tal contato social virtual começou a ficar desgastado e levou a algumas pessoas uma certa impaciência e até mesmo um certo cansaço virtual. Foram muitas as demandas recebidas e resolvidas por meio do uso de tal aplicativo, o que acabou implicando uma *fadiga virtual*.

Muitas pessoas que participavam de grupos de *WhatsApp* e que se utilizaram dele para fazer postagens sobre fatos relacionados à pandemia, quando esta teve seu início, depois de quatro meses de isolamento social, reduziram o número de postagens sobre tal assunto de forma significativa, o que pode ser um indício daquilo que Simmel define como sendo *sociabilidade* – algo que tem como alvo o momento sociável ou a lembrança dele. Passado aquele momento, perdeu um pouco seu objetivo, o que corrobora a ideia que temos acerca da liquidez e impermanência das relações na contemporaneidade. As mensagens continuaram a ocorrer, de forma mais espaçada, mas tem-se a impressão de que, parecendo que a pandemia já estava começando a ser controlada, o interesse por enviar mensagens via *WhatsApp* já estava sendo diminuído.

Apesar de ser algo extraordinário poder-se ter um meio eletrônico para nos comunicarmos com as pessoas, para comprar algo, pedir ou dar alguma informação ou até mesmo ter-se algum tipo de entretenimento, parece que nada se iguala ao contato que é feito de forma presencial, onde se vê e se pode tocar as pessoas. Talvez por isso tenha se observado a necessidade de algumas vezes o grupo de amigos ter sentido a necessidade de fazer videochamadas, pois estas davam a impressão de as pessoas estarem mais próximas umas das outras.

O desenvolvimento de alta tecnologia é realmente fantástico, mas as pessoas, de modo geral, parecem sentir falta do ver e sentir a presença do outro, de forma real e não virtual, apesar de todo o individualismo do homem hipermoderno. Todo esse avanço tecnológico parece não ser comparado às sensações que podem ser sentidas com o convívio presencial com as outras pessoas.

A máquina é até eficiente para promover essas redes sociais de contato entre as pessoas, mas a eficácia delas, pelo menos a curto e médio prazo, pode não mostrar a realidade de forma efetiva.

5 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2001.

BAUMAN, Z. *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HAROCHE, Claudine. Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. *Cad. Metrop.* São Paulo, v. 13, n. 26, p. 359-378, jul./dez 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. *Cadernos Pagu*, v. 56, 2019, e1956.

OTHERO, G. A. *A língua portuguesa nas salas de b@te-p@po: uma visão linguística de nosso idioma na era digital*. Novo Hamburgo: Berthier, 2002.

PALACIOS, Marcos Silva. Cotidiano e Sociabilidade No Cyberespaço: Apontamentos Para Uma Discussão. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José. (org.). *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro, 1996, p. 87-104. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/biblioteca/palacios.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

QUADROS, Amanda Maciel de; MARCON, Karina. Os conceitos de Público e Privado nas Redes Sociais e suas implicações Pedagógicas. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 160, set. 2014.

RECUERO, Raquel da Cunha. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. *Verso e Reverso - Revista da Comunicação*, v. 22, n. 51. 2004. doi: 10.4013/ver.20083.01.

RECUERO, Raquel da Cunha; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *LÍBERO*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. 2009. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/498>. Acesso em: 01 ago. 2020.

RECUERO, Raquel da Cunha. *A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROXO, Luciana de Alcântara. Mulheres no Facebook: Um olhar sobre a sociabilidade e a exposição feminina em uma conversa em rede. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 39., 2016, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Intercom, 2016.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 63-78, jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>.

SIMMEL, G. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. *In: MORAES FILHO, E. (org.). Georg Simmel: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.

TIPOS de Observação Segundo Critérios Específicos; Vania Maria do Nascimento Duarte. Disponível no site Monografias Brasil Escola: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/tipos-observacao-segundo-criterios-especificos.htm>. Acesso em: 23 jul. 2021.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015. <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>.

Title

Sociability in quarantine times: *WhatsApp* seen as a social interaction tool during the COVID-19 pandemics.

Abstract

Man is a natural social being. The need to communicate is something inherent to his own existence. But how can he communicate with other people in times of quarantine and social isolation, which need to be followed due to the coronavirus pandemics? The *WhatsApp* app can be conveyed as a virtual ally to supply such demand, once it enables the interaction of people who do not see each other personally, but who, for some reason, are socially connected. By means of informational, conversational and even playful messages, such app serves as a tool for sociability and socialization to continue existing among people during the quarantine times. In this paper, we aim at showing real examples of three groups of people who use this app and the interaction fulfilled by the exchanging of messages in such groups, so that we can observe how sociability is held in such circumstances. By using references of researchers who have already written about sociability held in social networks, such as Recuero (2004), Haroche (2011), Simmel (1983), Palacios (1996) and Santos (2014), and by applying both the bibliographic methodology as well as the passive, structured observation performed in a virtual environment, where we have observed the conversations exchanged among the members of the three *WhatsApp* groups studied in this paper, we could observe results which convey that, although physically distant, these people continue performing sociability acts, which, during the quarantine, are only possible to occur due to the use of the *WhatsApp* app.

Keywords

Social Networks; Observation Technique; COVID-19; Virtual Interaction.

Recebido em: 06/05/2021.

Aceito em: 02/08/2021.